

**POÉTICA MUSICAL, LAZER E COTIDIANO****Recebido em:** 20/01/2009**Aceito em:** 31/03/2009*Giuliano Gomes de Assis Pimentel\***Larissa Michelle Lara\*\**

DEF/UEM

Maringá – PR – Brasil

**RESUMO:** O objetivo deste ensaio é apresentar possibilidades de juízo sensível do lazer, a partir da compreensão de letras de música. Com isso, se pretende reconhecer na música e, mais especificamente, pelo conteúdo expresso em suas letras, uma possibilidade heurística de compreensão do lazer. Trata-se de uma condução metodológica que valoriza o campo sensível da educação sem menosprezo do cognoscível, buscando nas tensões a constante reconstrução do conhecimento. Aponta-se para a mútua fertilização entre arte e cotidiano, com processos de permeabilidade entre seus territórios. Tendo como mote a relação do lazer com o cotidiano, foi possível identificar relações entre o conteúdo das letras e os estudos relacionados ao tempo livre, à violência urbana e aos desejos humanos. Por isso, o estudo sugere a adoção de material artístico como meio e objeto de análise nos Estudos do Lazer.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cultura. Atividade. Lazer. Música.

**MUSICAL POETICS, LEISURE AND DAILINESS**

**ABSTRACT:** This paper presents possibilities of sensible judgment about the leisure since the apprehensions of music letters. This study gives music and, more specifically, by the content inserted in the lyrics, with the aim of recognizing a pedagogical possibility in such dimensions. This is a methodological conduction that values the sensitive education field without depreciating the cognizable aspect, searching in the tensions the regular reconstruction of knowledge. This points out to the reciprocal fertilization between art and dailiness with processes of permeability between their territories. With the daily selection of the themes on leisure it was possible to identify aspects related to free time, urban violence and human desires. In conclusion, this work suggests the adoption of material artistic as the means and object of analysis on the Leisure Studies.

**KEYWORDS:** Culture. Activity. Leisure. Music.

\* Doutor em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas. Docente dos Cursos de graduação e de Mestrado em Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Coordenador do Grupo de Estudos do Lazer - DEF/UEM/CNPq. Pesquisador da Rede Cedes/ME.

\*\* Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas. Docente do Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá. Líder do Grupo de Pesquisa Corpo, Cultura e Ludicidade- DEF/UEM/CNPq. Pesquisadora da Rede Cedes/ME.

## INTRODUÇÃO

“Pra falar de um cantador não bastam só teorias...”  
(Zé Ramalho/Flaviola).

“Sei que a arte é irmã da ciência...”  
(Gilberto Gil).

Se antes a poética era designada pelos filósofos antigos como a doutrina da arte, sendo a música, a poesia, a tragédia, muitas vezes, vistas como ameaça a polis grega, dependendo dos fins a que eram submetidas, hoje ela pode ser entendida como “conjunto de reflexões que um artista faz sobre sua própria atividade ou sobre a arte em geral” (ABBAGNANO, 2000, p. 368). E aqui, neste estudo, a poética representa o conjunto de reflexões que pesquisadores fazem sobre a arte como uma das dimensões socioculturais do lazer, mais especificamente, a dimensão musical.

Conforme a classificação dos tipos de lazer elaborada por Dumazedier (1976), a arte seria uma das possibilidades de lazer, ao lado de outros interesses (físico-desportivos, intelectuais, manuais e sociais). Mas é bem provável que, na atualidade, tanto a arte quanto o lazer sejam territórios cujas divisas apresentam-se borradas, misturando-se com outras esferas da realidade.

Este intercruzamento, embora não seja novidade, foi temporariamente marginalizado durante a Modernidade, sendo retomado epistemologicamente pelo romantismo alemão na sua crítica ao racionalismo (MAFFESOLI, 2001). Com a (re)valorização da subjetividade, do imaginário e do artístico como formas de conhecimento, estes aspectos vêm sendo buscados para compreender melhor o ser humano e os grupos sociais. Assim, a linguagem poética, entre outras, vem se tornando uma entrada de acesso, como já disse Maffesoli (2001, p. 193), às “vozes imemoriais adormecidas na memória coletiva”.

Partindo dessa idéia, este texto apresenta reflexões sobre o lazer (no seu sentido mais amplo e dentro de uma perspectiva sociocultural), tendo como ponto de partida músicas brasileiras. É preciso considerar não somente seu estatuto artístico, mas, também, sua dimensão poética, visando dar continuidade e aprofundamento a discussões já realizadas por estudiosos do lazer, tais como Marcellino (1990), Melo (2003) e Pimentel (2003), os quais buscaram, particularmente nas letras de músicas, relações com dados de pesquisa ou abordagens teóricas do lazer.

Na discussão sobre lazer e trabalho, por exemplo, foi possível identificar a recorrência entre música, literatura e poesia, despertando o imaginário coletivo sobre o fim-de-semana (na sua ambigüidade como tempo de tédio e de liberdade) ou o *arquetipo* do operário da construção civil. O ‘dia de domingo’ e a ‘figura do operário’ são imagens retratadas na arte nacional e representadas, respectivamente, pelo lazer e pelo trabalho. (PIMENTEL, 2003).

Reflexões dessa natureza resgatam saberes coletivos, abrindo olhares para dimensões ainda não privilegiadas nos estudos do lazer. Em acréscimo, a produção *poética* mostra-se “favorável” ao trabalho docente no ensino de disciplinas universitárias (gerais, como Fundamentos ou Teorias do lazer, e específicas, como Lazer e Recreação), mostrando que não são apenas as brincadeiras cantadas a única forma de contato com a música no trato com disciplinas ligadas ao lúdico e ao tempo livre.

Para essa nossa discussão se fez necessário ouvir músicas e apreendê-las, buscando fazer análise de seu conteúdo. O estudo teve como foco a música popular brasileira, sendo tematicamente selecionadas fontes com críticas ao cotidiano, incluindo os divertimentos considerados lícitos e suas contradições em relação à violência urbana.

Também se observou como a poética associa o lazer à organização da cidade e, notadamente, como as classes populares são afetadas e reagem aos mecanismos de controle do espaço público. *Palco, Doce de Carnaval, Lamento de Carnaval, Sampa, Ouro de Tolo, Muros e Grades, Domingo no Parque*, são algumas músicas escolhidas para esta reflexão <sup>1</sup>.

Levou-se em consideração a subjetividade presente no material analisado, tendo em vista que este é não apenas constituído de racionalidade cognitiva, mas, sobretudo estético-expressiva e prático-moral. Temas como violência, lazer nas camadas populares, cotidiano, desejos, foram abordados por meio das músicas, exemplificando como esta dimensão poética pode contribuir para refletir a realidade em que vivemos e não para fugir dela.

Maffesoli (2001, p. 191) esclarece que a “arte tende a difundir-se no conjunto da vida social” (depois de seu período de confinamento na Modernidade em locais específicos, tais como museus, teatros, ateliês ou conservatórios). Na perspectiva desse autor, a própria vida do dia-a-dia está se tornando uma “obra de arte”, pois os significados a ela atribuídos não se resumem ao objeto, mas às relações comunais, mesmo as mais frugais. Como isto é possível? O senso comum estaria operando mais fortemente no cotidiano em termos de unir, no mundo concreto, aqueles elementos considerados antéticos na abstração teórica, havendo, portanto, uma afirmação do intelecto e da sensibilidade como coisas inseparáveis.

---

<sup>1</sup> “Palco”, “Doce de Carnaval” e “Lamento de Carnaval”, de Gilberto Gil, foram retiradas de GIL, Gilberto. *Quanta gente veio ver*. Manaus: Videolar Multimídia LTDA, 1998, faixa 2, cd1; faixas 01 e 02, cd2. “Sampa”, de Gilberto Gil, foi retirada de VELOSO, Caetano. *A música de Caetano Veloso*. São Paulo: Unimar Music, 2003, faixa 2. “Ouro de Tolo” foi retirada de SEIXAS, Raul. *Caminhos*. São Paulo: Universal Music, [s.d.], faixa 2. “Muros e grades” aparece em HAWAI, Engenheiros do. *Coletânea com 10 cds*. São Paulo: BMG Brasil, 1998, cd 3, faixa 7. “Domingo no parque” encontra-se em VELOSO, Caetano e GIL, Gilberto. *Caetano e Gil ao vivo na Bahia*. São Paulo: Universal Music, 1972, faixa 6.

O movimento de reconhecimento desse saber global também pode ser observado nas tentativas de “reaproximar as ciências humanas da criação poética”. Simmel ou Dilthey, para ficar em exemplos arrolados por Maffesoli (2001, p. 192), são representativos dessa “dialética entre o conhecimento e a experiência dos sentidos”. Embora “o modo poético de conhecimento” seja uma das maneiras de ingressar na compreensão da sociedade, o autor lembra ser esta possibilidade ainda rejeitada, tanto entre poetas quanto cientistas sociais mais conservadores.

Essa resistência em pensar o sensível e o ato do conhecimento de forma integrada seria um erro epistemológico compreensível durante a Modernidade, especialmente com a ascensão da burguesia ao poder e da ética protestante ascética, pois ao buscar a dominação da natureza era preciso marginalizar a sensibilidade, com conseqüente perda do senso estético. Porém, agora que se entende que a relação com o meio deve ser de parceria, é preciso adotar o pensamento complexo para tornar o ato de conhecer mais eficaz (MAFFESOLI, 2001).

Para Azevedo (2000), muitos autores de produção intelectual atuam num sentido estético próximo ao ourives, pois para haver uma boa comunicação é necessário escolher as palavras e as cravejar como pedras preciosas no corpo da frase. Nunes (1999) complementa lembrando que os grandes filósofos foram poetas que acreditaram na realidade de seus poemas. A esse respeito é pertinente recorrer a quem foi poeta e filósofo:

O homem de propensão filosófica tem mesmo a premonição de que também sob essa realidade, na qual vivemos e somos, se encontra oculta uma outra, inteiramente diversa, que, portanto também é uma aparência [...] Assim como o filósofo procede para com a realidade da existência [Dasein], do mesmo modo se comporta a pessoa suscetível ao artístico, em face da realidade do sonho; observa-o precisa e prazerosamente, pois a partir dessas

imagens interpreta a vida e com base nessas ocorrências exercita-se para a vida (NIETZSCHE, 2001, p. 28).

É certo que essa outra realidade identificada por Nietzsche não se trata de Matrix<sup>2</sup> ou outro simulacro. O autor está se dirigindo às nossas certezas e questionando se os instrumentos usuais com os quais pensamos nossa realidade são suficientes para compreendê-la. A negação da arte como forma de aprendizagem resultaria em minimização da compreensão e conseqüente intervenção no cotidiano. Enfim, a poética não é um mero devaneio, mas uma postura que torna a pessoa mais potente perante a vida.

O presente texto tematiza músicas com o tema “cotidiano”, até para desmistificar sua aparente incompatibilidade com a temática do tempo livre. Como lembra Dumazedier (1976, p. 31), “o lazer é definido, nos dias de hoje, sobretudo, por oposição ao conjunto das necessidades e obrigações da vida cotidiana”. É imaginado como tempo de realização das fantasias.

Mas, o dia-a-dia, com sua aparente falta de emoções, seria o contraponto ao lazer? Esta e outras questões relativas ao cotidiano, à cidade e à violência serão debatidas a partir da mediação entre duas tradições de literatura (acadêmica e artística). Logo, se trata de uma compreensão comparativa, cuja busca por sentidos da relação entre lazer e cotidiano levou à triangulação hermenêutica de enunciados.

## ENTRE MUROS E GRADES DO COTIDIANO

A incursão pela poética musical e sua relação com o cotidiano é iniciada, neste

---

<sup>2</sup> Filme de ação e ficção que tematiza a possibilidade de todas as nossas percepções da realidade serem ilusórias. No enredo, *matrix* seria um sistema cibernético que mantém seres humanos vivos em estado permanente de adormecimento. O cérebro é enganado ao pensar que o sonho é a própria realidade.

texto, com *Ouro de Tolo*<sup>3</sup>, de Raul Seixas e Paulo Coelho. O descontentamento com o rumo da vida cotidiana aparece em um “dito cidadão respeitável”, empregado, ganhando C\$ 4000,00 (renda da classe média na época) mensais, morando em Ipanema e podendo levar a família ao Zôo com seu corcel modelo 73: “Eu devia estar feliz pelo Senhor ter me concedido o domingo pra ir com a família no jardim zoológico dar pipocas aos macacos [...] Ah, mas que sujeito chato sou eu que não acha nada engraçado: macaco, praia, carro, jornal, tobogã, eu acho tudo isso um saco”.

Embora devesse estar contente por ter vencido na vida, a pessoa revela-se decepcionada por achar que sua acomodação diante dos sonhos de consumo da pequena burguesia é “uma grande piada e um tanto quanto perigosa”. Outros elementos estão presentes no descontentamento: a facilidade com que conseguiu suas expectativas e a consciência de existirem outras a conquistar. Por essas razões, não há satisfação com o estado de coisas, mas, ao contrário, se olha no espelho e percebe as limitações do corpo cravadas por um sistema social cheio de conformações.

Numa interpretação psicanalítica da narrativa inconsciente de um indivíduo, cujas características apontam para o dito cidadão referenciado em *Ouro de tolo*, Merengué (2002, p. 58) lembra o sonho de um homem que se encontra em miniatura fugindo dos jatos d’água que regam o gramado. Embora essa pessoa se apresente impotente e sem recursos, ela é, na realidade, “um profissional de sucesso, adulto, com dinheiro suficiente para consumir um carro importado, com vida afetiva e heterossexual”. Enfim, é um indivíduo aparentemente realizado.

Porém, como num espelho, o sonho reflete a realidade de forma invertida. Afinal, vivemos em tempos nos quais o liberalismo aponta para um indivíduo capaz de obter sucesso, indicando quais são os padrões materiais para medi-lo. A impotência

---

<sup>3</sup> . “Ouro de Tolo” foi retirada de SEIXAS, Raul. *Caminhos*. São Paulo: Universal Music, [s.d.], faixa 2.

expressa pelo sonho representa, então, o peso da cobrança sobre o indivíduo, dado que a sociedade exige o consumo de determinados signos reveladores de poder, juventude, atitude, saúde, beleza, entre outras marcas de *status*. Daí o sonho revelar-se um paradoxal pesadelo: quando finalmente se chega a uma organização social na qual o indivíduo pode ser o que quiser, ele fica preso na rede dos modos de vida. Por isso, o trabalho acaba sendo meramente uma busca por recursos a serem exibidos em lazeres prestigiosos e caros, mas previsivelmente redundantes. (MERENGUÉ, 2002).

O inconsciente do indivíduo parece por desvelar o próprio espírito do tempo presente de toda uma sociedade. Nela estão os ditos cidadãos respeitáveis que, não obstante possuírem carro da moda, morarem em local nobre e terem bom salário, acabarão, conforme *Ouro de tolo*, sentados num “trono esperando a morte chegar”. A “decepção” e o “pesadelo” de não encontrar satisfação pessoal quando se chega aos padrões médios de sucesso, delatam o vazio sentido pelo indivíduo ao se dar conta que a adesão a estilos de vida não cumpriu sua promessa de felicidade.

Em *Muros e grades*, música de Humberto Gessinger (ENGENHEIROS DO HAWAI, 1998)<sup>4</sup>, a questão do esvaziamento do social cujo cotidiano perde significados, redundando em um lazer igualmente insosso, reaparece lembrando os perigos de uma vida sem sentido:

Nas grandes cidades, no pequeno dia-a-dia,  
O medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia.  
Então erguemos muros que nos dão a garantia  
De que morreremos cheios de uma vida tão vazia.  
Nas grandes cidades de um país tão violento,  
Os muros e as grades nos protegem de quase tudo,  
Mas o quase tudo quase sempre é quase nada.  
E nada nos protege de uma vida sem sentido.  
Um dia super, uma noite super, uma vida superficial

---

<sup>4</sup> Muros e grades aparecem em HAWAI, Engenheiros do. *Coletânea com 10 cds*. São Paulo: BMG Brasil, 1998, cd 3, faixa 7.

Entre as sombras e entre as sobras da nossa escassez.

Embora a letra seja esclarecedora em si mesma, vale destacar a frase “o medo nos leva tudo, sobretudo a fantasia”. Da mesma forma que o lazer é fruto da industrialização e da urbanização, esses dois fenômenos estão igualmente associados à violência. Esta gera medo, intimidação, levando as pessoas a ousarem menos e a limitar sua entrega às coisas da vida, inclusive à fantasia como forma de concretização de desejos nem sempre realizáveis no plano real.

### **VIOLÊNCIA URBANA E LAZER**

Violência costuma ser sinônimo do cotidiano dos grandes centros, mas, surpreendentemente, o número de mortes violentas é significativo no tempo livre. Pelo menos é o que mostra o “Mapa da violência” na cidade de São Paulo, uma das maiores do mundo. Segundo os dados desse levantamento, a população da periferia sofre mais com as mortes por arma de fogo. Há um perfil para os assassinados: são indivíduos do sexo masculino, menores de 30 anos. Os dias mais violentos, quando ocorrem mais homicídios, são sábado e domingo, quando jovens praticam esportes com contato físico ou frequentam os bares. Essa prática de lazer propicia contendas, por vezes resolvidas em atos impensados de agressão com uso de arma (WAISELFISZ; ATHIAS, 2005).

Por isso, políticas públicas surgem para equacionar esses problemas. Uma medida recente foi determinar fechamento dos bares nos dias e horários quando a violência é maior. Em complemento, aparecem programas de recreação para a população das periferias. O Correio Popular divulga trabalho realizado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), em reportagem do dia 1º de outubro de 2002: “escolas abrem as portas aos finais de semana

e reduzem violência” (GUGLIELMINETTI, 2002). A matéria informa que foram pesquisadas 260 escolas em dois estados, onde foram oferecidas atividades físico-esportivas e artísticas aos finais de semana. Dados indicam melhora de 77,8% do aprendizado e os casos de vandalismo tiveram redução em 63%. Diante desses índices é fácil acreditar, com base em Guglielminetti (2002, p. 05), na “tese de que a falta de opções de lazer e cultura é uma das grandes causas dos conflitos que geram violência”.

Segundo Gutierrez (2001, p. 114), “a desagregação da estrutura familiar acarreta efeitos perversos nos mais diferentes aspectos da vida social, principalmente nos setores mais baixos da pirâmide econômica”. Uma política de lazer bem direcionada poderia incentivar laços de sociabilidade mais solidários. Menor desgaste social representaria menos violências e economia no investimento em segurança, pois há, de fato, esperança entre profissionais e teóricos do lazer que a educação do/no tempo livre das pessoas resulte em atitudes mais conscientes. Essa visão é complementada pelo senso comum, instaurado no meio político, sobre a violência ser reflexo da falta de opções de lazer.

O lazer, esvaziado de sentido, acabou sendo reduzido à mera função compensatória ou preventiva. E, ainda, focar a violência como resultado da falta de diversão camuflaria o peso que o trabalho deveria dividir com as outras esferas da vida (educação, justiça, saúde, lazer) em relação ao problema da violência. Isso sem computar o perigo de reforçar a lógica puritana, vendo no excesso de tempo livre e falta de trabalho a origem dos problemas sociais.

Não deixa de ser paradoxal, a exemplo da vida cotidiana, observar a condenação (por vezes moralista), do lazer das camadas populares com a concomitante realização de programas de recreação orientados à organização de lazes considerados adequados para esta população. Em acréscimo, percebe-se que o próprio “fornecer” lazer para as

camadas carentes da sociedade pode, em última análise, contribuir para o esquecimento do lazer como direito de toda a cidade e não somente como ação estatal de emergência em focos específicos de marginalidade e violência.

Seriam essas iniciativas suficientes para confrontar o tom superficial da vida violenta e sem sentido nos grandes centros? Gilberto Gil traz uma inversão capital da causalidade pobreza-violência para discutirmos a inconsistência daquela visão ingênua e linear sobre lazer como remédio para a violência. Sobre isso, podemos recordar que o lazer é visto como solução para o problema da violência, tanto quanto foi interpretado por muitas décadas como bálsamo para o trabalho. Na música *Domingo no Parque*<sup>5</sup> ocorre um homicídio no qual, contrariando a lógica formal, é a pessoa menos embrutecida quem comete o crime.

É importante ler essa música com o apoio de autores como Elias e Dunning (1992) para os quais a sociedade busca meios de diminuir o risco das pessoas se agredirem. Esse cuidado com a preservação da vida individual seria reflexo da contenção das emoções violentas, intensas e espontâneas ao longo de um processo civilizatório, típico da sociedade urbano-industrial. O lazer moderno seria um momento para permitir às pessoas liberarem as emoções contidas, mas de uma forma invariavelmente controlada. Por isso, o lazer estaria mais para um comportamento mimético.

As atividades miméticas, como aquelas que realizamos quando vamos a um parque de diversões e brincamos de ‘cair de um penhasco’ ou ‘atirar em animais’

---

<sup>5</sup> “Domingo no parque” encontra-se em VELOSO, Caetano e GIL, Gilberto. *Caetano e Gil ao vivo na Bahia*. São Paulo: Universal Music, 1972, faixa 6.

existiriam para refrear nossos impulsos anti-sociais, mesmo nos permitindo tensões prazerosas.

Poderiam as tensões do trabalho e da vida social serem disfarçadas também por este caminho civilizatório? A resposta é clara: mesmo havendo um prazer no “descontrole controlado” permitido pela sociedade, há momentos de um efetivo transbordamento dos mecanismos de controle presentes no lazer. Algumas músicas dão conta dessa realidade.

*Domingo no parque*, de Gilberto Gil, apresenta três personagens - João, José e Juliana - em um parque de diversões. Mas essa atividade de lazer não está desatrelada das outras esferas da vida, em especial do trabalho. José - o rei da brincadeira - trabalha na feira; João - o rei da confusão - na construção. Juliana, cobiçada pelos dois amigos, é vista por José em companhia de João na roda gigante. A estória é concluída com um crime passionai.

Na letra da música, elementos como lazer, cotidiano e temperamento parecem conflitar-se e, por vezes, contradizer-se. José, cujas habilidades brincantes são certamente úteis ao negócio, “como sempre no fim de semana, guardou a barraca e sumiu. Foi fazer no domingo um passeio no parque”. Até este ponto se imagina que a coerência daria a José os louros da sociabilidade para conquistar Juliana ou mesmo ter uma relação harmoniosa com a vida. João, presumidamente, seria alguém limitado. A vivência de lazer (capoeira) é apenas um mero reforço da brutalidade de seu labor. Hipertrofiado pelo trabalho braçal, João só faz estimular essas qualidades corporais e morais válidas em seu ambiente através de atividades associadas com confusão. Porém, naquele domingo, “João resolveu não brigar”. Ao invés de jogar capoeira, saiu apressado e foi namorar Juliana.

É no parque, no domingo à tarde, que o quadro complexo de disposições mostra-se surpreendente em sua resolução. José mata o casal a facadas. O reflexo do crime ocorrido no tempo livre transborda para o mundo do trabalho: “Amanhã não tem feira (ê, José). Não tem mais construção (ê, João)”.

Passadas décadas desde que Gilberto Gil apresentou *Domingo no parque* nos Festivais, essa paradoxal música não perdeu sua atualidade. Aliás, a hodierna realidade só a tem tornado profética. Basta lembrar que, conforme Waiselfisz e Athias (2005), a maior parte das mortes violentas ocorre nos finais de semana e predomina entre jovens do sexo masculino, residentes na periferia, tal qual o João da música. Embora proeminente tal discussão não está presente nos estudos do lazer na proporção devida. Mas a música revela outras facetas sobre a intrincada relação lazer-violência-cotidiano que podem ser compreendidas retomando a discussão sobre a função social da cidade.

### **FACES DA LUDI-CIDADE**

Por vezes se faz parecer que o melhor cotidiano está em cidades festivas, a exemplo de Salvador. De Masi (1998) compara Salvador e São Paulo. Para ele, São Paulo seria uma cidade feia, cópia triste de Nova Iorque, enquanto Salvador representaria a organização lúdica do povo brasileiro. O povo baiano seria um tipo de sociedade que se baseia no tempo livre, sendo considerado um modelo de futuro na sociedade pós-industrial. É necessário, entretanto, não cair na dicotomia proposta por De Masi entre cidade do trabalho (São Paulo) e cidade do ócio (Salvador), sendo uma cinzenta e a outra colorida. Isso porque existem variáveis geográficas e históricas influenciando essas constituições que, em última instância, são fruto de representações sociais e, portanto, sujeitas à ideologia e passíveis de mudança.

Gilberto Gil parece estar em consonância com De Masi no que diz respeito ao aspecto sombrio de São Paulo. A música Sampa apresenta aversão inicial a esta cidade, vista como “mau gosto” por sua aparente falta de alegria. Um trecho da música revela algumas das impressões do artista: “É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi [...] É que Narciso acha feio o que não é espelho”. Depois, Gil percebe os signos idiossincráticos da cidade que trabalha, um lugar de subjetividades, de arte e de beleza singela.

Magnani (1984), ao estudar a periferia da cidade, observa a ressonância do lazer na vida dos trabalhadores através de atividades fora (excursão, baile, cinema) e dentro (festas, futebol, circo) do pedaço do bairro. Posteriormente, o autor (1997) repara que o centro da cidade abriga uma outra lógica de lazer, sutil e, por vezes, desapercibida. Entende que as pessoas inventam usos do espaço nas cidades para vivenciar o seu lazer. Neste ponto, estamos discutindo se a cidade especializa ou não determinadas áreas para o trabalho e outras para o lazer, criando uma nova ordem de dicotomia entre lazer e trabalho que se daria pela racionalização do espaço. Músicas de Gilberto Gil, a exemplo de *Palco*, *Sampa* ou *Doce de Carnaval*<sup>6</sup>, ilustram como as pessoas produzem cultura no lazer e marcam territórios - o Candeal em Salvador ou a avenida São João em São Paulo, por exemplo - para identificar os pontos prediletos nesse processo.

Na metrópole, Magnani (1997) vê a criação de “manchas” de lazer, espaços contíguos com predominância de determinada atividade. Também haveria “circuitos”, pois alguns espaços possuem certa afinidade, embora não se apresentem vizinhos.

---

<sup>6</sup> “Palco”, “Doce de Carnaval” de Gilberto Gil, foram retiradas de GIL, Gilberto. “Sampa”, de Gilberto Gil, foi retirada de VELOSO, Caetano. *A música de Caetano Veloso*. São Paulo: Unimar Music, 2003, faixa 2.

Seria o caso do circuito gay - determinados pontos da cidade onde a comunidade homossexual circula enfaticamente.

Para chegar às manchas ou unir os circuitos, teríamos “trajetos”, caminhos que não são aleatórios, pois predefinem a oportunidade de encontros durante o trânsito de um local a outro.

Sobre a relação das pessoas com o lugar, o autor entende haver um processo de oposição entre tempo livre e tempo de trabalho. É inquestionável o surgimento da questão do lazer dentro do universo do trabalho, mas o lazer não pode ser visto somente como reposição de forças para a atividade produtiva. Para Magnani (1997, p. 31), o lazer é “uma ocasião de desenvolvimento de uma cultura própria e independente dos valores burgueses”. Assim, seriam necessárias modalidades simples e sem o brilho da indústria cultural, ou seja, da indústria que busca a tudo homogeneizar, padronizando os gostos e dando a eles ares de semelhança.

Vale lembrar que, afora espaços como a casa e a rua, há uma tentativa clara em colocar os ditos equipamentos específicos de lazer como mundo separado não só da realidade do trabalho, mas da própria realidade com um todo. A produção da fantasia via parques temáticos pretende levar momentos mágicos às pessoas. Essa mecanização do lúdico em espaços de simulacro difere da lúdica apropriação que as pessoas fazem dos espaços públicos em momentos de festa, como apontam as músicas de Gilberto Gil. Mas, como vimos em *Domingo no Parque*<sup>7</sup>, essas ‘ilhas da fantasia’ podem acabar desencadeando conflitos quando se desmascara a impossibilidade desses ambientes resolverem por si próprios os medos e desejos das pessoas.

---

<sup>7</sup> “Domingo no parque” encontra-se em VELOSO, Caetano e GIL, Gilberto. *Caetano e Gil ao vivo na Bahia*. São Paulo: Universal Music, 1972, faixa 6.

Melo (2003) pondera sobre o estabelecimento de uma mediação cultural para incluir as pessoas na cidade, sendo esta, ao mesmo tempo, necessária e dificultada em função do esvaziamento da esfera pública e do desgaste do tecido social nos grandes centros urbanos. Ao lembrar da cidade do Rio de Janeiro, o autor traz o exemplo do desmantelamento dos cinemas de rua e dos clubes de bairro como um dos indícios de agravamento da queda da qualidade do lazer urbano.

Outro problema viria com o crescimento demográfico pressionando a expansão imobiliária. Os espaços vazios, anteriormente usados para festas comunitárias ou futebol de várzea, acabam sendo ocupados pela construção civil, diminuindo os espaços de lazer. Acrescente-se a falta de equipamentos específicos de lazer nos bairros e a deterioração dos já existentes. As camadas com recursos financeiros também são afetados por esses problemas, mas podem remediá-los, por exemplo, por meio do turismo rural ou segundas-residências no litoral. Como expressa Chico Science na música *A cidade*: “A cidade não pára; a cidade só cresce. O de cima sobe, o debaixo desce”<sup>8</sup>.

Sobre o combate a esse crescimento excludente da cidade, com suas inevitáveis conseqüências (entre as quais a violência cotidiana), não seria o caso apenas de, a exemplo dos projetos de recreação na periferia, fazer com que os carentes tenham acesso a um lazer pobre e nem levar a cultura do centro aos bairros. Considerando o lazer uma das funções da cidade, Melo (2003) coloca a mediação cultural como contribuição para ver o cidadão recuperar seu direito à cidade. Para tanto, este precisaria cobrar ações do governo, estar comprometido com a manutenção dos espaços

---

<sup>8</sup> “A cidade” pode ser encontrada em SCIENCE, Chico e ZUMBI, Nação. *Da lama ao caos*. Manaus: Sony Music Entertainment Ind. e Com. LTDA. [s.d.], faixa 4.

e participar da construção da cultura de seu grupo, bem como consumir ativamente os bens culturais criativamente elaborados por outras sociabilidades. O mais difícil, porém, talvez seja a inversão de valores entre público e privado, visto que na atualidade os interesses mercantis prevalecem no estabelecimento do lazer urbano.

Essa articulação não é de todo exequível porque não somente os interesses em jogo estão investidos numa correlação desigual de forças, mas também as próprias camadas populares são heterogêneas, possuindo, como observou Magnani (1984), discursos e práticas conflitantes sobre sua intervenção política no lazer. Tal incoerência pode ser ilustrada musicalmente em *Lamento de carnaval*<sup>9</sup>, de Gilberto Gil.

Inicialmente, Gil identifica as pessoas moralistas que consideram “pecado, que do imposto que pagamos ao estado e do lucro que damos ao mercado um pedaço seja destinado ao carnaval”. De outro lado, existiria a parcela da população que necessita “da magia do tambor, da cor do canto” para alegrar-se, considerando esse lazer como compensação para seu “pranto” em “ver tanto o mal”. “Hoje eu canto pra esquecer que a escola do bairro está sem professor”. Entretanto, nem tudo seria conformação alienante. A música termina alertando que “não adianta fugir, seu doutor”, porque “amanhã, depois da festa, a cidade que protesta entrará pela fresta da porta do corredor. Não adianta fugir”.

A fragmentação da cidade em espaços nobres e marginais, com suas respectivas práticas e ideologias, é tanto criticada, suprimida e reforçada com o carnaval. Ao menos, essa expressão sociocultural, com gestualidade corporal dionisíaca, permite perceber os deslocamentos ético-estéticos que a manifestação popular produz sobre a urbanidade.

---

<sup>9</sup> *Lamento de Carnaval*”, de Gilberto Gil, foram retiradas de GIL, Gilberto.

Embora essencial, o fenômeno das subjetividades é insuficientemente compreensível pela via da racionalidade pura. A música, entre outras interpretações artísticas, não é apenas interessante para ouvir e dançar, mas também para produzir reflexões sensíveis. É nessa sensibilidade em captar, no cotidiano, aspectos tornados invisíveis aos olhos (pela ilusão da evidência) que uma poética se referenda como importante canal de pesquisa e ensino.

### **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

O lazer encontra-se permeado por uma racionalidade instrumental que acaba sendo repassada a profissionais da área, e estimulada, sobretudo, pelos meios midiáticos. Nesta perspectiva, a música, como arte poética e uma das dimensões sócio-culturais do lazer, coloca-se como meio de crítica a instrumentalização do humano, sendo um dos elementos educacionais mais antigos da história da humanidade. Nunes (1999) coloca que desde o seu nascimento na Grécia, a filosofia nunca foi indiferente à poesia até porque conhecer é uma atividade sensível. E também não foi indiferente à música como um todo, em seus aspectos harmônicos, rítmicos, educativos, estéticos. Juntamente com filmes, imagens, poemas, literatura, obras de arte, e outros, a música acentua a vivência de uma outra racionalidade.

Para ilustrar como essa aproximação pode ser concretizada, vale lembrar dadas experiências no ensino superior com o uso de diferentes expressões artísticas. Nesse percurso, foram surgindo textos que buscavam, inicialmente, relacionar letras de músicas e questões teóricas dos estudos do lazer. Posteriormente, outras manifestações foram incluídas nas aulas de graduação e pós-graduação. Com isso, se trabalhou a dimensão do saber acadêmico aliada ao sabor e saber de canções, imagens e leituras. No

trabalho em sala de aula, em geral, o seguinte roteiro era seguido: ouvir, ler, visualizar, sentir, dançar as obras sugeridas; anotar percepções sobre letras, imagens e ritmos; descobrir relações entre “teorias” do lazer e o conteúdo tratado na obra; trazer outras obras (músicas, filmes, poemas) que tratam do corpo, do lúdico ou do lazer.

Como forma de exemplificar estas orientações vale citar algumas imagens, leituras e canções utilizadas em conexão com estudos do lazer.

**Filmes:** *Almôndegas; Férias radicais; Férias frustradas; O pestinha 02; Gasparzinho 03; Gorp (Zorra total); Operação cupido; Férias em alto astral; e Cruzeiro das loucas.*

**Poemas:** *Operário em construção* (Vinícius de Moraes); *Voltas para casa* (Ferreira Gullar); *Cidadezinha qualquer* (Carlos Drummond de Andrade); *Pra alminha boa* (Mário Quintana).

**Livros:** *Memórias de um sargento de milícias* (Manuel Antônio de Almeida); *Urupês* (Monteiro Lobato); *Macunaíma* (Mário de Andrade); *O nome da rosa* (Umberto Eco).

**Crônicas:** *Estado da Guanabara* (Vinícius de Moraes); *A vitória da infância* (Fernando Sabino); *Festa de aniversário* (Fernando Sabino); *As tarefas da educação* (Rubem Alves).

**Quadros:** *Retrato de Pierre-Joseph e seus filhos em 1853* (Courbet); *Almoço na relva* (Manet); *O circo* (Seurat); *Aula de dança* (Degas); *Casamento camponês* (Bruegel).

**Músicas:** *Janaína* (Álvaro, Bruno, Miguel, Sheik, Coelho); *Capitão de Indústria*, (Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle); *Me deixa* (Falcão); *Um sonho* (Gilberto Gil); *Vendedor de Caranguejo* (Gordurinha).

Devido ao método educacional de diálogo entre sensibilidade e razão, nem sempre é fácil para os alunos à análise e correlação do material. Uma alternativa é trazer textos de autores que, em artigos ou livros, já adotam essas relações. A música

*Fantasia*, de Chico Buarque<sup>10</sup>, por exemplo, permite paralelos da fantasia com os usos possíveis do lúdico: “Se, de repente a gente distraísse o ferro do suplício ao som de uma canção. Então, eu te convidaria pra uma fantasia do meu violão: Canta, canta uma esperança. Canta mais...”

Esse trecho da letra foi extraído por Marcellino (1990, p. 49) para fazer a seguinte reflexão: “superando o realismo, pela evasão da festa, busca-se a vivência de novos modelos e não ‘remendos’ nos existentes”. A *fantasia* seria uma forma dos menos apossados se verem noutra posição social, apontando para necessidades de mudança. O autor vê nas possibilidades de contestação dos valores da realidade -buscadas nos momentos lúdicos- um perigo ao sistema. Talvez por isso o lazer fosse correntemente alvo de manipulações por ocasião da ditadura militar pós-64, período aludido na música supracitada. Porém, outras interpretações podem emergir [...].

O exemplo serviu para lembrar que não se trata da somente utilização didática da poética musical e, mais particularmente, da arte no processo de aprendizagem de conceitos e discussões sobre lazer. Reduzir essa produção à ferramenta seria isolar a produção científica (dita racional) da produção artística (dita intuitiva), colocando uma a serviço da outra. De fato, pretende-se valorizar a dimensão epistemológica que a obra artística abre sobre a interpretação da vida, como advoga Maffesoli (2001).

Considerando ser uma das (des)vantagens da linguagem poética deixar evidente o não-fechamento de sentidos, é importante recorrer a Nunes (1999) sobre o fato de morarmos na linguagem e ser ela nosso incontornável, nossa finitude. Somente existe aquilo que podemos nomear. Porém, nem tudo é possível de ser definido pela terminologia acadêmica - uma das muitas formas de linguagem. Mas se teoricamente não alcançamos certas essências, é possível que esteticamente possamos fazê-lo.

---

<sup>10</sup> BUARQUE, Chico. **Fantasia**. In: \_\_\_\_\_. Rio de Janeiro: Marola edições musicais, 1978. 1 disco.

Essa ambigüidade não torna a comunicação artística menos eficiente, até porque há coisas que o conceito não consegue abarcar (NUNES, 1999). Portanto, antes de explicar a poesia em todos os seus aspectos melhor seria dialogar com ela. A multiplicidade de interpretações que as letras das músicas permitem, em alguns casos, requer um exercício de juízo reflexivo, o que torna importante ao interlocutor buscar seu estoque prévio de conhecimentos para esse diálogo. Este escrito se esmerou nesse sentido (intercâmbio Arte e Ciência), considerando o quanto sua interação pode ser reveladora das múltiplas relações possíveis de serem estabelecidas entre o lazer e os demais problemas cotidianos da cidade.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- AZEVEDO, I. B. de. **O prazer da produção científica**. 8. ed. São Paulo: Prazer de ler, 2000.
- DE MASI, D. O amanhecer do 3º Milênio: perspectivas para o trabalho e o tempo livre. *In: CONGRESSO MUNDIAL DE LAZER, WORLD LEISURE AND RECREATION ASSOCIATION*, 5, 1998, São Paulo. *Anais ...* São Paulo: SESC, 1998.
- DUMAZEDIER, J. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1976.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GUGLIELMINETTI, R. Escolas abrem as portas aos finais de semana e reduzem violência. **Correio Popular**, Campinas, 1.out. 2002. p. 05.
- GUTIERREZ, G. L. **Lazer e prazer: questões metodológicas e alternativas políticas**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MAGNANI, J. G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. *In: \_\_\_\_\_*; TORRES, L. de L. (Org.). **Na Metrópole: textos de antropologia urbana**. São Paulo: Edusp; Fapesp, 1997. p. 12-53.

MAGNANI, J. G. C. **Festa no pedaço**: cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARCELLINO, N. C. **Pedagogia da animação**. Campinas: Papyrus, 1990.

MELO, V. A. de. A cidade, o cidadão, o lazer e a animação cultural. **Licere**, Belo Horizonte. v. 6, n. 1, p. 82-92, 2003.

MERENGUÉ, D. A ordem e o mercado dos prazeres. *In*: BRUHNS, H. T.; GUTIERREZ, G. L. (Org.). **Enfoques contemporâneos do lúdico**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 57-70.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NUNES, B. **Hermenêutica e poesia**: o pensamento poético. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

PIMENTEL, G. G. de A. Lazer e trabalho na música e na literatura. *In*: MULLER, A.; DA COSTA, L. P. (Org.). **Lazer e trabalho**. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2003. p. 201-42.

WASELFISZ, J. J.; ATHIAS, G. **Mapa da violência de São Paulo**. Brasília: MEC/INEP, Instituto Ayrton Senna, 2005.

#### **Endereço dos Autores:**

Giuliano Gomes de Assis Pimentel  
Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.  
Av. Colombo, 5790. Cep 87020-900. Maringá-PR.  
Endereço Eletrônico: ggapimentel@uem.br

Larissa Michelle Lara  
Departamento de Educação Física da Universidade Estadual de Maringá.  
Av. Colombo, 5790. Cep 87020-900. Maringá-PR.  
Endereço Eletrônico: lmlara@uem.br